



# AS CONTRIBUIÇÕES DO LEGADO DE PAULO FREIRE PARA A EDUCOMUNICAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A REDE COQUE VIVE

Doriele Andrade Duvernoy [\*]

Jean-Claude Régnier [\*\*]

## RESUMO

Neste artigo, buscamos refletir sobre as contribuições de Paulo Freire (1921-1997) para a educomunicação, enquanto campo de reflexão e de intervenção para a conscientização e libertação dos indivíduos, e seus desdobramentos em um projeto de extensão, vinculado a uma rede associacionista, a Rede Coque Vive. Enfatizamos nesse estudo uma perspectiva de educomunicação que valoriza a ação do sujeito para decodificar a sua realidade na criação de um espaço legítimo de diálogo social e de emancipação. Desse modo, verifica-se a importância de constantemente revisitarmos o pensamento freireano para compreendermos a educomunicação como um processo de emancipação humana e de transformação social, em um movimento de resistência ao modelo estabelecido, para fazer emergir novas possibilidades de educação, de comunicação e de estar no mundo.

**Palavras-chave:** Pedagogia freireana. Educação. Comunicação. Diálogo. Projeto de Extensão.

[\*] Doutora em Educação (Université Lumière Lyon 2) – Professora do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Pernambuco, líder do grupo de pesquisa Políticas Educacionais, Sujeitos, Docência e Currículo (cadastrado no CNPq) – ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6984-4012> – E-mail: [doriele.andrade@upe.br](mailto:doriele.andrade@upe.br).

[\*\*]Doutor dEtat-HDR em Ciências e Teorias das Formas da Educação - Université Marc Bloch Strasbourg – Professor Émérite des Universités (Classe Exceptionnelle) - Université de Lyon. – ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6992-9027> – E-mail: [jean-claude.regnier@univ-lyon2.fr](mailto:jean-claude.regnier@univ-lyon2.fr).



## INTRODUÇÃO

Quando falamos de educomunicação, enquanto campo de reflexão e de intervenção (SOARES, 2013; CITELLI *et al.*, 2019), é importante mencionar a filosofia educacional de Paulo Freire, educador brasileiro, reconhecido internacionalmente por seu compromisso com uma educação consciente e libertadora. Suas obras (traduzidas em vários idiomas, inclusive o francês) nos permitem discutir a educomunicação à luz de seu pensamento, a fim de encontrar as chaves para uma educação que promova a emancipação e a cidadania.

O objetivo deste artigo é refletir sobre as contribuições da filosofia de Paulo Freire (1921-1997) para a educomunicação, enquanto instrumento de conscientização e libertação do indivíduo, e seus desdobramentos em um projeto extensionista, vinculado a uma rede associacionista, a Rede Coque Vive.

Destacamos aqui uma abordagem da educação e da comunicação que valoriza o diálogo e a busca por decifrar a realidade, tendo a educação formal e não-formal como espaços legítimos para o diálogo social e a emancipação.

Este diálogo, genuíno e intencional, entre o professor e o aluno promove uma relação política na educação, pois a aquisição de conhecimento é abordada aqui como um fator social, transformado através da consciência crítica. O conhecimento, por sua natureza e história, constitui uma produção social, como resultado da ação e da reflexão (FREIRE, 2001a).

A importância desta abordagem é dada não somente pelos debates em torno do analfabetismo na atualidade, no qual o analfabeto não é visto apenas como aquele que não sabe ler, mas também aquele que não possui ferramentas cognitivas para usar as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Portanto, o acesso às TICs não é apenas o acesso à infraestrutura técnica, mas também a capacidade cognitiva para acessar os conteúdos por elas veiculados, pois a participação social se efetiva também pelo acesso à informação. O debate se situa também no atual contexto de desinformação que enfrentamos cotidianamente, o enfrentamento às *fake news*. Para Costa e Romanini (2019, p.72), “A complexidade do fenômeno das *fake news* exige, portanto, medidas igualmente complexas, com abordagens transversais e multidisciplinares.” É nesse contexto que a Educomunicação se configura como estratégia de intervenção, apoiada no pensamento freireano.



Para Paulo Freire, educação é comunicação, é diálogo, não é uma transferência de conhecimento, mas o encontro de sujeitos que buscam o significado do significado (FREIRE, 2005).

Diante destes elementos, propomos neste artigo refletir sobre as contribuições da filosofia educacional de Paulo Freire para a educação/educação.

## **PAULO FREIRE: UM EDUCADOR, UMA REFERÊNCIA INTERNACIONAL.**

Paulo Freire (1921-1997) nasceu em Jaboatão dos Guararapes, em Pernambuco. Nos anos 60, cerca de 15 milhões de pessoas eram analfabetas na região Nordeste, e Paulo Freire conduziu as primeiras experiências com seu Método de Alfabetização no estado do Rio Grande do Norte. Ele planejava ensinar 2 milhões de adultos a ler e escrever, mas o golpe militar de 1964 impediu que este projeto fosse realizado. No Brasil, o trabalho de alfabetização não agradou às elites conservadoras que se viram ameaçadas por uma possível conscientização das massas populares.

Paulo Freire foi preso, acusado de “subversão e ignorância”, e exilou-se na Bolívia e no Chile (1964-1969), depois nos Estados Unidos e na Suíça (1970-1980). A proposta e a presença de Paulo Freire teve impacto em vários países africanos durante seu período de exílio, notadamente em Angola, Cabo Verde e Guiné-Bissau.

Este período de exílio foi fundamental para a difusão e consolidação de suas ideias. Foi uma oportunidade para experimentar seu método em outro contexto, para avaliá-lo na prática e sistematizá-lo em teoria. De volta ao Brasil em 1980, ele se envolveu na luta por uma “escola pública de qualidade para todos”, chamada de escola pública popular.

Moacir Gadotti define o trabalho de Paulo Freire como “narrativas de práticas profundamente refletidas”. O que torna universal o trabalho de Paulo Freire é esta aliança permanente entre teoria e prática. Sua principal obra, “Pedagogia do Oprimido”, escrita em 1968 e publicada em 1970, teoriza os fundamentos da educação popular e lança as bases para a concepção “conscientizadora” e “libertadora” da educação. (GADOTTI, 1996)

No pensamento de Paulo Freire, a educação é um ato político, um ato de conhecimento e um ato criativo. A pedagogia neste sentido está comprometida ou com a manutenção do modelo dominante ou, como defende Freire, com sua transformação. Para ele, o homem é um



“ser inconcluso, consciente de sua inconclusão, e seu permanente movimento de busca do ser mais” (FREIRE, 2005, p. 72), e tem a vocação ontológica de humanizar-se a si mesmo. É por isso que, segundo ele, a educação deve ser voltada para a humanização comum dos homens.

Para Freire, qualquer situação educacional implica a presença de sujeitos, assim como objetos de conhecimento, objetivos, métodos e processos. As técnicas de ensino devem ser coerentes com os objetivos, com a escolha política e com as finalidades com as quais o projeto educacional está impregnado. O sujeito é alguém que, ensinando, aprende e aprendendo, ensina. (FREIRE, 2005)

“Educação bancária” é um conceito de educação fortemente criticado por Freire. É uma educação que visa “depositar” o conhecimento, daí o termo “bancário”. Esta educação é de fato um obstáculo ao pensamento autêntico e leva as pessoas a se adaptarem ao mundo, em vez de reinventarem-no. (FREIRE, 2005)

A ideia de “educação bancária” é fortemente criticada por Freire, pois se aproxima da realidade como “uma coisa fixa, estática, compartimentada e previsível”, e também como algo “fora da experiência dos estudantes”. Este tipo de educação se apoia em um discurso que, para ele, se torna mais um barulho do que um significado, pois leva os alunos a registrarem mecanicamente o conteúdo. A educação é, neste sentido, um ato de depósito, do qual “os alunos são os depositários e o professor o depositante”. (FREIRE, 2005)

Freire explica que, nesta concepção de educação, por um lado o professor, é quem educa, quem pensa, quem sabe, quem fala, quem disciplina os alunos, quem escolhe e impõe suas escolhas. Em suma, ele é o sujeito atuante do processo educacional. Por outro lado, os alunos, são aqueles que recebem a educação, aqueles que não sabem, que ouvem obedientemente o professor, que são disciplinados, que têm a impressão de que estão agindo através da ação do professor, que obedecem, acomodam, adaptam-se às determinações. Em suma, são os objetos do processo educacional.

Com efeito, esta educação bancária anula o poder criativo dos indivíduos, não desenvolve seu senso crítico e os deixa indefesos contra os interesses dos opressores. A educação bancária está, como observa Freire, a serviço dos opressores para transformar as pessoas em autômatos.

Paulo Freire é particularmente crítico desta educação, na qual o homem é um objeto abstrato, separado, isolado do mundo e, deste modo, sem qualquer ligação com os homens.



Ele denuncia a educação em que há “uma dicotomia inexistente homens-mundo. Homens simplesmente no mundo e não com o mundo e com os outros. Homens espectadores e não recriadores do mundo” (FREIRE, 2005, p. 62). Isto implica integração e interação do homem com o mundo.

O método de alfabetização de Paulo Freire nasceu nos anos 50 no Movimento de Cultura Popular em Recife, Pernambuco. Este método foi baseado em um “convite” ao estudante adulto, que era analfabeto, para ver a si mesmo como um sujeito que vive e produz em uma determinada sociedade. Um convite para deixar o conformismo para trás e compreender-se como ator da cultura. É uma abordagem pedagógica e política em que a alfabetização é uma leitura política da realidade. Na verdade, é mais um método que envolve uma compreensão ampla e profunda da educação e tem como centro de preocupação a natureza política da educação.

Para Paulo Freire, o processo é decisivo para o conteúdo do aprendizado, pois “não é possível, por exemplo, aprender a ser um democrata com métodos autoritários” (GADOTTI, 1996, p.83.)

O método de alfabetização de Paulo Freire tem como princípio que o processo educacional deve começar a partir da realidade do aluno, como na obra “A Educação na Cidade”: “não basta saber ler ‘Eva viu a uva’. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho.” (FREIRE, 1991, p.01).

Este método parte da realidade da pessoa alfabetizada pelo que ela sabe, do valor pragmático das coisas e dos fatos em sua vida diária, de suas situações existenciais. Isto mostra a eficácia e o valor deste método, que se baseia nas razões da existência do conhecimento socialmente construído para que a pessoa alfabetizada seja capaz de ir além dele.

A relação entre a identidade cultural dos sujeitos e as práticas educacionais foi um dos objetos de reflexão de Paulo Freire. Ao analisar o conceito de identidade cultural, ele afirma: “no fundo, nem somos só o que herdamos nem apenas o que adquirimos, mas a relação dinâmica, processual do que herdamos e do que adquirimos.” (FREIRE, 2012, p.63).

Assim, nas práticas educacionais, a identidade cultural do aprendiz requer reconhecimento e respeito. O educador deve, segundo Freire (2006), saber o que está



acontecendo no mundo de seus alunos, a fim de compreender o que eles sabem e como eles o sabem independentemente da escola.

Em uma profunda reflexão, ele mostra que este reconhecimento da identidade dos outros se encontra nas diferenças que as pessoas descobrem entre “eu” e “tu”. “A rigor, é sempre o outro enquanto tu que me constitui como eu na medida em que eu, como tu do outro, o constituo como eu.” (FREIRE, 2012, p.65)

A questão da linguagem é, segundo Freire (2006), uma questão ideológica, porque se existe uma “norma culta” é porque existe uma outra forma considerada “não culta”. A abertura contextual aos seus alunos é o elemento fundamental da escola democrática, e o educador não deve desvalorizar a linguagem de seus alunos, mas ensinar a norma culta; isto deve ser feito com a consciência da importância de aprender esta norma culta, que é política e ideológica, a fim de oferecer aos alunos os meios para lutar contra a discriminação e a injustiça.

O educador que sabe claramente o que almeja e o que o conhecimento representa, “conhecimento para quê, contra quê, a favor de quê e para quem”, compromete-se assim com o ensino democrático.

Para Freire, o conhecimento não é um produto, como a ideologia neoliberal o vê. O conhecimento é um instrumento para libertar as pessoas de todos os tipos de opressão. O conhecimento deve ser uma experiência vivida, e não uma experiência narrada ou transmitida.

A educação para a conscientização é um ato cognitivo, servindo de intermediário entre o conhecimento, o educador e os alunos, por meio de uma relação de diálogo entre sujeitos em torno do objeto de conhecimento enquanto oportunidade de reflexão (FREIRE, 2006).

A educação, vista como uma prática de liberdade, é oposta àquela que é uma prática de dominação, e tem o diálogo como sua essência. É um ato para eliminar a dicotomia homem/mundo e, por isso, deve estar à serviço da libertação, superando as contradições entre professores e alunos, rompendo, através do diálogo, com os padrões verticais. Ela permite uma descoberta permanente da realidade, em uma inserção crítica do sujeito na realidade.

## **EDUCOMUNICAÇÃO: UM CAMPO DE REFLEXÃO E DE INTERVENÇÃO.**



Atualmente, é dito em vários discursos que um sujeito alfabetizado é aquele que sabe ler. Podemos acrescentar, à luz das propostas de Freire, que é urgente que um sujeito saiba ler sua própria realidade, seus mundos e suas diferentes versões.

A leitura da mídia é colocada neste contexto de leitura do mundo, porque a mídia exerce um importante impacto social e constitui produtos e processos que as crianças e os jovens se apropriam mesmo antes da idade escolar.

Freire propõe uma leitura do mundo que permitiria aos indivíduos se perguntarem “o quê? por quê? como? com que objetivo? para quem? para quê? a quem? contra o quê? contra quem?” Estas perguntas permitem às pessoas questionarem a essência das coisas, seus propósitos e suas construções, desenvolvendo uma leitura do mundo e uma releitura da realidade.

A comunicação é, para Freire, o elemento fundamental para a transformação do ser humano em sujeito. É a partir da comunicação que o diálogo entre o sujeito e o mundo deve ser estabelecido. Educação é comunicação. Deve permitir o diálogo entre sujeitos que estão procurando o significado das coisas no mundo em que vivem. A validade da educação é assim definida por sua capacidade de transformar os seres humanos em sujeitos de diálogo, reflexão e ação. Dessa forma, a noção de comunicação na perspectiva freireana é parte de um ato educativo libertador. Para que isso aconteça, dois pressupostos devem ser considerados: a comunicação, que é a base do ato educacional, e o homem, que está em comunicação com seu ambiente e com outros homens.

O modelo de diálogo de Paulo Freire se baseia no respeito entre os indivíduos e na integração de sujeitos engajados na mudança da realidade de forma crítica e ativa.

Embora Freire utilizasse a mídia, especialmente o rádio em programas de alfabetização à distância, como parte do movimento de educação popular dos anos 1960, pelo Movimento de Educação de Base (ALVES; TONNETTI, 2021), ele denunciou a massificação como um instrumento de “desenraizamento” do homem, que não está mais integrado em seu contexto, mas ajustado ao mundo. Ele denunciou o poder da televisão, a lavagem cerebral e a manipulação da mídia como meio de massificação do homem, que não tem mais uma atitude consciente, perdendo seu senso crítico e torna-se dependente da mídia (FREIRE, 2001b).

Freire abordou a questão do poder das mídias e como lidar com elas, como utilizá-las na sala de aula no nível ideológico do poder, e transformá-la em objeto de discussão, algo que



não pode ser ignorado pelos educadores progressistas (FREIRE, 2006). Esta ideia nos permite verificar a relevância do pensamento de Freire para a educomunicação, especialmente suas reflexões sobre a importância de conhecer os meios de comunicação, saber como utilizá-los, como analisá-los e como criticá-los.

Em um diálogo com Sérgio Guimarães, Freire diz:

O fundamental está em saber o que poderíamos realizar usando, por exemplo, a televisão. Mas, vê bem, não usando a televisão só para que ela fizesse um programa especial ali, para aquela área, e fosse transmitir, para lá, o recado dela. Não. É usando a televisão no que ela já faz. É um grupo de crianças ligar a televisão na terça-feira, por exemplo, num programa x na parte da manhã, ou na parte da tarde, qualquer que seja o canal. E depois discutir com a meninada, não apenas aquele conteúdo que está sendo e que foi vivido, mas também o que é a televisão enquanto instrumento de comunicação, quais as implicações tecnológicas e históricas que aquilo tem, do tipo ‘como é que apareceu isso?’ (FREIRE; GUIMARÃES, 2013, p. 44).

Um professor que usa a mídia como suporte para “transmitir melhor o conteúdo” está, de fato, em um modelo de transmissão, criticado por Freire. Uma prática que utiliza um meio mais atraente para que os alunos recebam as informações de forma mais eficiente ou os conteúdos de forma passiva, conteúdos sem qualquer vínculo com seus contextos, sem questionamento por parte dos alunos, é uma “educação bancária”.

A educomunicação leva em conta o estudo das mídias como um fato social. O objetivo é se apropriar das mídias de uma forma mais complexa, analisando suas estratégias para se dirigir às pessoas e criar produtos de consumo, e a teia de significados produzidos, na qual as pessoas estão imersas.

Martin-Barbero (1997, 2000, 2001) afirma que a participação do receptor como agente ativo pode influenciar, e até mesmo mudar, o significado das mensagens recebidas, ou seja, as mensagens transmitidas pela mídia são filtradas pelas representações dos indivíduos. Esta perspectiva recusa a ideia de um receptor passivo. A cultura do sujeito tem um papel muito importante como filtro nesta recepção da mensagem. A ideia central de Martin-Barbero é se concentrar mais nas mediações do que nos meios, pois são as ressignações que os sujeitos fazem que dão novo significado aos meios em suas experiências cotidianas, cheias de códigos culturais. Nesta perspectiva, o estudo da recepção das mídias toma um novo rumo: o do capital cultural dos indivíduos, e os meios de comunicação são assim apropriados como produtos simbólicos.



Essa comunicação ocorre também em sala de aula, no diálogo estabelecido entre alunos e professor. E a reflexão sobre esta comunicação é dada a partir das mediações, que são fortemente marcadas pela cultura dos indivíduos em interação. Isto permitiria, como propôs Freire, um trabalho sobre a decodificação da palavra e sobre a decodificação da situação existencial codificada.

Freire explica que o desafio de fazer as pessoas lerem criticamente sempre foi uma prática que perturba aqueles que baseiam o poder na inocência dos indivíduos. Assim, ele salienta a importância de ler jornais e revistas, fazendo conexões com a vida da escola, analisar programas de televisão, pois “nenhum recurso que possa ajudar a reflexão sobre a prática, de que possa resultar sua melhora pela produção de mais conhecimento, pode ou deve ser posto de lado” (FREIRE, 2012, p.75).

Se o pensamento de Paulo Freire deve ser compreendido em seu contexto inicial, como afirma Gadotti (1996), podemos também verificar que suas contribuições teórico-político-pedagógicas são relevantes nos dias de hoje e na abordagem da educomunicação como instrumento de conscientização e emancipação das pessoas. Sem dúvida, os trabalhos de Paulo Freire podem ser lidos sob diferentes perspectivas e os elementos de sua filosofia educacional que destacamos aqui são a conscientização, o diálogo e a libertação.

Conscientização, para Freire, não se trata apenas de ter conhecimento da realidade, significa deixar de estar imerso na realidade para se afastar dessa realidade. É através da análise crítica da realidade que a conscientização serve como uma ferramenta de ação transformadora sobre a realidade (GADOTTI,1996).

De acordo com Freire (2005), a essência da consciência é sua intencionalidade, visto que este movimento de conscientização é o ponto de partida para a libertação. Da mesma forma, Benet (1996, p. 645) explica que, na filosofia freireana, “a conscientização é um fenômeno humano, ou seja, independente do espaço e do tempo, cada homem tem a necessidade de decifrar profundamente sua própria realidade a fim de transformá-la, e ao transformá-la, faz de si mesmo o sujeito de sua própria história”.

Marlos Marques (2011) destaca uma valiosa contribuição de Freire ao demonstrar que a consciência, embora seja o resultado da compreensão, não tem tempo fixo ou garantia de se tornar efetiva. Assim, nas contribuições filosóficas de Freire, é possível diferenciar entre o significado de consciência, tomada de consciência e conscientização. Para Freire, esta última



é a evolução dos dois primeiros. O processo de conscientização é dado no decorrer da vida humana e leva em consideração o fato de que o homem não é apenas o que ele é, mas também o que ele foi, o que está sendo. Assim, o objetivo da educação deve ser a consciência dos homens em suas ações, e esta consciência é o resultado dos confrontos do homem com a realidade concreta. Finalmente, é a superação desses confrontos que abre as portas para a conscientização (MARQUES, 2011).

O diálogo, numa perspectiva horizontal entre as pessoas, revela o caráter indissociável da relação sujeito-sujeito e sujeito-mundo. Assim, o diálogo é um processo que valoriza o conhecimento de todos. A missão do educador não é, portanto, limitar-se aos conhecimentos dos alunos, mas ir além deles, juntos.

A primeira virtude do diálogo é o respeito pelos alunos - seus valores, suas histórias, vistos como indivíduos. Visto que eles são produtores de uma expressão de prática social, o diálogo é, portanto, uma estratégia para respeitar os conhecimentos dos alunos, considerando que é possível aprender também fora da escola. O diálogo é uma prática e um “fazer histórico”. Ele permite que as pessoas desenvolvam seu “mais ser”.

A libertação, na concepção educacional de Paulo Freire, é o próprio propósito da educação. É preciso libertar as pessoas da realidade opressiva e injusta e transformar a realidade em uma mais humana, que reconhece homens e mulheres como sujeitos de sua história e não como objetos.

## **A EDUCOMUNICAÇÃO COMO ESPAÇO PARA O DIÁLOGO SOCIAL**

O modelo educacional defendido por Freire é baseado em um processo de ensino e aprendizagem com a participação ativa dos alunos como sujeitos da educação. Nesta perspectiva, o aprendizado é um processo ativo de construção e reconstrução do conhecimento. A troca de experiências é particularmente motivada, é até mesmo a condição fundamental para a aquisição de conhecimento. Aprender significa imergir-se em uma rede de interações e, aqui novamente, a comunicação está em uma abordagem de diálogo.

Da simples concepção de diálogo como uma conversa entre duas ou mais pessoas e o conjunto de palavras trocadas até a concepção de diálogo como uma discussão com o objetivo de encontrar pontos em comum, podemos ver que nem toda troca, mesmo as regulares,



implica necessariamente um diálogo. Para que o diálogo ocorra, é necessário visar um intercâmbio que produza uma intercompreensão entre os participantes.

Segundo Freire, a educação é um diálogo, na medida em que não é uma transferência de conhecimentos, mas um encontro de sujeitos que buscam o significado do significado. A educação é assim entendida como uma leitura da realidade. De fato, promover o diálogo na aula significa promover a coparticipação dos sujeitos do conhecimento. É esta participação comunicativa que transforma as pessoas em sujeitos, integrando-os em sua própria realidade e em uma rede de ricas interações.

O diálogo entre o aluno e o professor é particularmente rico para conhecer a realidade dos alunos e suas diferenças culturais ou linguísticas, como sublinha Freire (2011). É o diálogo que permite ao professor saber o que os alunos sabem sobre o mundo, como eles sabem e como eles se reconhecem neste mundo. A compreensão destes elementos pelo professor lhe permite pensar e planejar a aula, as estratégias didáticas e a avaliação adequada. Na aula como espaço de diálogo social, não há espaço para o professor autoritário, elitista e reacionário, interessado apenas em transmitir aos alunos o que ele sabe e como ele o sabe.

A situação sócio-histórica e cultural do indivíduo é um aspecto que deve ser considerado ao lado do ato comunicativo e educativo, pois constitui um repertório ao qual o sujeito receptor recorre para decifrar as mensagens recebidas. Nessa perspectiva, a aula não pode ser pensada fora do tempo, ela está inserida em um contexto cultural específico, e este contexto cultural determina a comunicação entre os sujeitos. Uma das críticas mais difundidas da escola é que ela está muito distante do contexto dos alunos. A escola, e especialmente a sala de aula fechada dentro de suas quatro paredes, é acusada de não levar em conta a realidade cotidiana dos alunos.

Os conflitos sociais, os jogos de interesse, as contradições que fazem parte do tecido da sociedade se refletem necessariamente no ambiente escolar. Isto não poderia ser diferente, porque a escola e as práticas educacionais que nela tomam forma não são imunes ao que está acontecendo nas ruas do mundo (FREIRE, 2001a).

O processo de aprendizagem como conscientização envolve necessariamente comunicação, diálogo entre alunos e professores, em uma prática educacional democrática em que os sujeitos são orientados a estar com o mundo que procuram compreender.



A este respeito, Kaplún (1999) denuncia que a educação pode ser considerada como um fator determinante para o paradigma informacional, pois “cada vez mais os espaços de comunicação e intercâmbio entre os alunos foram reduzidos”. Isto tem implicado “a falta de interesse e desejo de fazer do diálogo um elemento necessário da ação educativa.” (KAPLÚN, 1999, p. 70)

A filosofia educacional freireana oferece importantes elementos para a efetivação da educomunicação. Para isso, os aspectos socioculturais do conhecimento devem ser cuidadosamente considerados. A este respeito, Freire (2001a) nos lembra que uma metodologia de trabalho não é realizada da mesma maneira em contextos diferentes. A intervenção do professor é histórica, cultural e política. É por isso que ele insiste na reinvenção das experiências. O professor deve, a partir de uma reflexão rigorosa e de sua posição política, analisar como aplicar o mesmo princípio válido de uma maneira diferente.

Mario Kaplún, em seu trabalho intitulado “El comunicador popular”, baseou-se no pensamento de Paulo Freire para articular a educação e a comunicação. A primeira parte do livro é dedicada à comunicação educativa, da qual ele sistematiza três modelos de educação, articulando-os à comunicação, pois para ele, esses modelos de educação fundamentam práticas comunicativas, “cada tipo de educação corresponde a uma concepção e prática de comunicação.” (KAPLUN, 1985, p.15).

Assim, ele distingue três modelos: um centrado no conteúdo, um centrado nos efeitos e um centrado no processo. Ele especifica que os dois primeiros modelos são exógenos e visam o objeto, enquanto o terceiro modelo visa os sujeitos.

O objetivo do modelo centrado no conteúdo é que o indivíduo aprenda. Sem tomar consciência, portanto, não há elaboração pessoal, não há assimilação. Isto nos leva de volta ao que Paulo Freire chamou de “educação bancária”. No modelo orientado para os efeitos, a adoção de formas decisivas de pensar, sentir e agir são guiadas pela persuasão do professor. Este modelo condutivista resulta em competição entre indivíduos. A comunicação neste caso tem como objetivo impor atitudes.

Com relação ao terceiro modelo, as contribuições da filosofia educacional de Paulo Freire afetarão especialmente as proposições de Mario Kaplún, pois, para ele, neste modelo, o intercâmbio está no centro das relações, e a problematização da realidade física e social é fortemente estimulada, o importante é aprender a aprender. Neste modelo de autogestão, os



erros e conflitos são levados em conta como um passo necessário na criação. Em contraste com o modelo orientado exclusivamente para os efeitos, aqui a solidariedade e a cooperação são valorizadas. Assim, a educação é um processo contínuo que ocorre na vida através da prática reflexiva. O objetivo aqui é o sujeito que pensa e transforma sua realidade.

Através da apresentação destes modelos de educação, Mario Kaplún (1985) mostra que, no que diz respeito à comunicação, os modelos exógenos valorizam a informação (transmissão e persuasão) enquanto o modelo endógeno valoriza o diálogo como a chave da comunicação. Para Freire, somente o diálogo comunica verdadeiramente.

Se, por um lado, a mídia contribuiu para consolidar a ideia de remetente-receptor de informações, por outro lado, o aumento das convergências das mídias e os avanços nos meios de conexão tornaram possível mudar e ampliar os pólos de remetente, de modo que o receptor também possa assumir o papel de produtor de conteúdo. Kaplún (1999) mostra que é necessário superar a visão redutora da mídia e da comunicação tecnológica e postular um lugar privilegiado para a comunicação presente em todas as ações educacionais. “Isto implica considerar a comunicação não como um instrumento tecnológico, mas sobretudo como um componente pedagógico”, o que leva a uma “leitura da pedagogia a partir da comunicação e uma leitura da comunicação a partir da pedagogia.” (KAPLUN, 1999, p. 68).

É, portanto, a partir das ideias desenvolvidas por Paulo Freire que Mario Kaplún propõe recuperar a ideia de comunicação como diálogo, como interação social democrática, cuja comunicação é horizontal, bidirecional e participativa.

Finalmente, é através do conceito de comunicação educacional que Mario Kaplún forja o conceito de “educador-comunicador”, pois, para ele, “todo educador é um comunicador”. No Brasil, a Educomunicação é o conceito adotado pela Escola de Comunicação e Arte, da Universidade de São Paulo, a fim de oferecer bases teóricas e metodológicas para a formação e análise das práticas dos educadores.

A partir do pensamento de Freire, podemos considerar que a mídia é configurada como uma prática social e política, impregnada pela ideologia, com um fim bem determinado, servindo aos interesses econômicos de um grupo de pessoas. Assim, a mídia nunca é neutra, ela produz e transmite uma visão do mundo e do homem. Mas, longe de se opor à mídia, esta perspectiva indica que os educadores devem reconhecer as exigências de seu tempo, bem como a potencialidade desses recursos com rigor metodológico no uso da mídia.



Freire nos oferece, no conjunto de suas obras, vários e consistentes elementos para lidar com as tecnologias de informação e comunicação (TIC) na atualidade, sobretudo o uso intencional e político que podemos fazer delas, desconstruindo, discutindo o *modus operandi* das mídias hegemônicas e revisando-as com práticas alternativas e de resistência. Mais do que utilizá-la para diversos fins, é preciso compreender sua razão de ser e o sentido que agrega às nossas ações cotidianas.

Entender o processo da mídia é fundamental, na visão de Freire, pois pode levar “homens à sua humanização, passando de uma concepção do meio como suporte”, para uma ideia das mídias como filtros de leituras do mundo.

Assim, nesta perspectiva, se a mídia pode servir como um instrumento de opressão através do fornecimento de informações, ela também pode ser um instrumento de luta contra a opressão, de transformação social e de promoção da cidadania. Nesta perspectiva, a inclusão digital não se reduz aos aspectos tecnológicos da mídia, mas aos usos que as pessoas fazem dela.

Arroyo (2012), inspirando-se nas reflexões de Paulo Freire sobre a pedagogia da libertação, nos mostra que esta pedagogia não está centrada em métodos, objetos ou instituições, mas no próprio sujeito, que é concebido como um sujeito social. Para Freire, o essencial não é como educar e socializar os sujeitos, mas como eles se educam, como aprendem, como socializam, como são formados, como sujeitos sociais, culturais, cognitivos, éticos e políticos. É, portanto, situando o sujeito como o centro da ação educativa que a teoria pedagógica é revitalizada.

## **REDE COQUE VIVE: A EDUCAÇÃO E A COMUNICAÇÃO COMO DIÁLOGO, ENCONTRO HUMANO E PRÁTICA PARTICIPATIVA**

Para analisar as intervenções educomunicativas de uma rede associativa, a “Rede Coque Vive” (RCV), buscamos questionar os diferentes contextos da educomunicação e formação do educador (termo proposto de Kaplun). Para identificar os elementos de formação resultantes das interações entre os membros desta rede, utilizamos uma abordagem teórico-metodológica baseada na etnometodologia. Os dados foram construídos a partir de uma amostra de 18 pessoas, através de entrevistas, questionários, análise de artigos de pesquisa e relatórios de atividades. Constatamos que esta rede associacionista (FREITAS,



2005), por meio de suas diversas intervenções educomunicativas, constituiu um vetor para a circulação e apropriação do conhecimento e para a formação de educadores. Os educadores e os jovens da comunidade do Coque estão envolvidos em um processo de formação que vai além da educação para a mídia. São outros elementos de aprendizagem como o diálogo, a alteridade, o sentido de pertencimento, o “estar juntos”, assim como a adoção da comunicação num sentido mais amplo que oferecem a base para uma verdadeira formação humana.

Constatamos que esta rede tem um impacto importante na comunidade em que está inserida e os resultados de seus projetos tiveram repercussões tanto para a população diretamente envolvida, quanto para a formação acadêmica e profissional dos membros da RCV.

É preciso destacar o discurso da mídia sobre a comunidade do Coque para entendermos como a comunicação da resistência se configura nesse contexto. A comunidade de Coque, com cerca de 40.000 habitantes, está localizada no coração da cidade de Recife. Esta comunidade foi criada no século XVIII a partir de uma ocupação irregular da terra, e gradualmente foi ocupada por imigrantes da zona rural. O Coque, localizado na Ilha Joana Bezerra, foi classificado pela Prefeitura de Recife como uma Zona Especial de Interesse Social (ZEIS), que reconhece formalmente a existência de favelas no Recife e a necessidade de investimentos em serviços e infraestrutura.

Entretanto, a delimitação dessas zonas é fortemente marcada por pressões do setor imobiliário. Na verdade, o Coque está localizado em um importante centro econômico do Recife, mas o empreendimento imobiliário de grande escala não traz necessariamente melhorias para os habitantes do Coque. Por isso, embora os problemas sociais sejam vastos, a especulação política e imobiliária tem contribuído para a imagem negativa do bairro, provocando uma estigmatização do bairro e de seus habitantes.

O retrato estereotipado dos residentes do Coque é reforçado pela mídia comercial, hegemônica. Um dos principais problemas enfrentados pela comunidade é a forma como ela é apresentada pela mídia. Assim, o Coque é conhecido por ser um lugar violento - e esta imagem causa discriminação entre os habitantes.

O Projeto “Coque Vive” visa quebrar esta lógica de discriminação, destacada em estudos sobre o discurso da mídia sobre a imagem negativa e a pobreza na comunidade do



Coque (MELO SILVA, 2010; SILVA, 2011), a partir de um conjunto de intervenções destinadas a transformar as representações sociais do bairro dentro e fora da comunidade, para uma formação crítica, produção de conteúdo midiático e articulação comunitária.

A aproximação entre cultura, educação, comunicação e movimentos sociais fornece a base e as perspectivas para a comunicação popular e de resistência, especialmente por seu caráter democrático e participativo. É por isso que ela está intimamente ligada à educação política e é um poderoso meio de denúncia e de exigência das pautas das classes menos favorecidas.

Historicamente, a Rede Coque Vive foi formada em 2006 com o projeto de extensão universitária “Coque Vive”. Mais tarde, foi consolidada como uma rede associacionista interinstitucional. Em 2013, desdobrou-se no Movimento “Coque (R)Existe”. As ações da RCV podem ser classificadas como formação, produtos, criação de eventos e articulação com a mídia local.

A rede “Rede Coque Vive” é composta inicialmente por três atores: o Projeto de Extensão Universitária da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) “Coque Vive: comunicação, educação e cultura”, o coletivo “Movimento Arrebentando Barreira Invisíveis” (MABI), e a associação sem fins lucrativos “Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis” (NEIMFA), autodeclarada sem vinculação político-partidária ou religiosa.

As experiências educomunicativas da RCV permitiram aos educadores forjar novas concepções de educação e comunicação. Mais precisamente, estas ações têm desencadeado nos membros da RCV questionamentos constantes sobre o profundo significado da comunicação, da educação e da extensão.

O contato com os habitantes do Coque permitiu aos estudantes da UFPE experimentar o aprendizado de novas formas de conceber e praticar a comunicação e a educação, diferentes daquelas estudadas na universidade. Em suas práticas na RCV, eles foram confrontados com uma comunicação vista como um encontro humano, uma comunicação como uma prática participativa do relacionamento com os outros. Nessa perspectiva, a contribuição do pensamento de Paulo Freire pode ser situada na obra escrita em 1969, na qual ele tece uma crítica fértil sobre o conceito de extensão e de comunicação (FREIRE, 2010).



Levando em consideração todos estes elementos trazidos à luz neste estudo, podemos assinalar que nos parece que uma concepção de educomunicação está se desenvolvendo na RCV, uma concepção que teria como princípios o vínculo, o diálogo, as relações, o pertencimento, o encontro com os outros, a gestão de conflitos, a tomada de decisões e a gestão participativa. Este processo é alcançado através de reflexões sobre práticas e sobre fundamentos epistemológicos e educacionais. As construções são coletivas, utilizando uma perspectiva de co-construção entre os membros da RCV.

As experiências dentro da RCV têm permitido aos educadores confrontar regularmente seus conhecimentos acadêmicos com as especificidades do ambiente no qual eles tiveram que intervir. Favorecem, portanto, a formação de conhecimentos exigidos pelo contexto.

Na RCV, concebe-se o educador como alguém que busca uma linguagem comum entre educação e comunicação, que trabalha para promover a comunicação, a cooperação, a autoestima, a valorização do potencial e o protagonismo juvenil.

Esta rede é vista pelos educadores como um ponto de encontro para experiências e de transformação, e as ligações entre seus membros desempenham um papel muito importante na implementação das ações.

As ações da RCV permitem que os sujeitos tomem consciência da importância de estabelecer relações reais, relações baseadas no diálogo, respeito à alteridade e à livre expressão dos sujeitos, sobretudo o compromisso ético e social de buscar práticas educativas mais justas e democráticas.

Desta forma, os educadores e os jovens da comunidade do Coque estão envolvidos em um processo de formação que vai além da educomunicação. São outros elementos como o diálogo, a alteridade, o sentido de pertencimento, o “estar juntos”, assim como a consideração da comunicação num sentido mais amplo que oferecem a base para uma verdadeira formação humana.

## CONCLUSÕES

Em vista dos elementos destacados, podemos constatar as contribuições do pensamento educacional de Paulo Freire para os desafios atuais da educação, da comunicação e, sobretudo, da “educomunicação”.



Esperamos que estes princípios da filosofia educacional de Paulo Freire, situados dentro dos debates sobre educação/educomunicação, possam oferecer os elementos de reflexão necessários para fundar políticas públicas em educomunicação. Estas políticas devem ir além de simples ações pontuais, devem consolidar as ações através de um trabalho em rede cada vez maior para uma melhor articulação comunicativa e para o desenvolvimento da educomunicação.

Isto nos permite entender a educação/educomunicação como um processo de emancipação humana e transformação social, como um movimento para dar origem ao desejo de resistir ao modelo estabelecido, propondo novas possibilidades de comunicação, educação e estar no mundo. Recordar e re-significar o pensamento educacional de Paulo Freire, Patrono da Educação brasileira desde 2012, é um movimento necessário para fundar e consolidar práticas educativas e de comunicação emancipatórias, comprometidas com a humanização dos sujeitos diante dos desafios contemporâneos.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, K. L.; TONNETTI, F. A. Viver é lutar: perspectivas políticas na coleção didática para a alfabetização de adultos do Movimento de Base. **Educação em Revista**, v. 37, 2021.
- ARROYO, M. G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BENET, J. T. Repercussões da obra de Freire. In: GADOTTI, M. **Paulo Freire, uma bibliografia**. Brasília: São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire/UNESCO, 1996
- CITELLI, A. O.; SOARES, I. de O.; LOPES, M. I. V. de. Educomunicação: referências para uma construção metodológica. **Comunicação & Educação**, v. 24, n. 2, p. 12-25, 2019.
- COSTA, M. C. C.; ROMANINI, V. A educomunicação na batalha contra as fake news. **Comunicação & educação**, v. 24, n. 2, p. 66-77, 2019. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v24i2p66-77> Acesso em: 30 out. 2021.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2010.
- FREIRE, P. **Educação e mudança**. 41. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, P. **Pédagogie de l'autonomie: savoirs nécessaires à la pratique éducative**. Tradução: Jean-Claude Régnier. Ramonville-Saint-Agne: Erès, 2006.
- FREIRE, P. **Professora sim, tia não**. Cartas a quem ousa ensinar. 30. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2012.



- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, P. **Política e Educação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001a.
- FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2001b.
- FREIRE, P. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.
- FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação**. São Paulo: Paz e Terra, 2013.
- FREITAS, A. S. **Fundamentos para uma sociologia crítica da formação humana: um estudo sobre o papel das redes associacionistas**. 2005. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.
- GADOTTI, M (org.). **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez, 1996.
- KAPLUN, M. **El comunicador popular (O comunicador popular)**. Quito: Ciespal, 1985.
- KAPLUN, M. **Uma Pedagogía de la Comunicación**. Madrid: Ediciones de la Torre, 1998.
- KAPLUN, M. Processos educativos e canais de comunicação. Comunicação & Educação**, São Paulo, v.14. jan./abr. 1999. Disponível em: DOI:  
<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i14p68-75> Acesso em: 30 jan. 2020.
- MARQUES, M. F. **Rádio comunitária e Educação Ambiental: análise da relação entre prática educacional e concepção de meio ambiente de jovens comunicadores**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.
- MARTIN-BARBERO, J. Desafios culturais da comunicação à educação. **Comunicação & Educação**, v. 6, n. 18, 51-61. 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i18p51-61> Acesso em: XXX. Acesso em: 10 jun. 2020.
- MARTIN-BARBERO, J. Comunicação plural: alteridade e sociabilidade. **Comunicação & Educação**, n. 9, 39-48. 1997.
- MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001.
- MELO SILVA, A. C. de S. **O enigma da comunicação comunitária: segurança, segregação e vínculo a partir da experiência de grupos de comunicação em periferias do Recife**. 2010. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.
- SILVA, I. F. C. F. **Discurso sobre espaços populares na Web: investigação de estigmas sobre a comunidade do Coque**. 2011. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.



SOARES, I. de O. Educomunicação: as múltiplas tradições de um campo emergente de intervenção social na Europa, Estados Unidos e América Latina. Brasília: IPEA, 2013. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002442869.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2019.

## **THE CONTRIBUTIONS OF PAULO FREIRE'S LEGACY TO EDUCOMMUNICATION: A STUDY ON THE COQUE VIVE NETWORK**

### **ABSTRACT**

In this article we seek to reflect on the contributions of Paulo Freire (1921-1997) to educommunication, as a field of reflection and intervention for the awareness and liberation of individuals, and its unfolding in an extension project, linked to an association network, the Coque Vive Network. We emphasize in this study a perspective of educommunication that values the action of the subject to decode his or her reality, in the creation of a legitimate space for social dialogue and emancipation. In this way, we can verify the importance of constantly revisiting Freire's thought in order to understand Educommunication as a process of human emancipation and social transformation, in a movement of resistance against the established model, to make new possibilities of education, communication and being in the world emerge.

**Keywords:** Freirean Pedagogy. Education. Communication. Dialogue. Extension Project.

## **LAS APORTACIONES DEL LEGADO DE PAULO FREIRE A LA EDUCOMUNICACIÓN: UN ESTUDIO SOBRE LA RED COQUE VIVE**

### **RESUMEN**

En este artículo pretendemos reflexionar sobre las aportaciones de Paulo Freire (1921-1997) a la educomunicación, como campo de reflexión e intervención para la concienciación y liberación de los individuos, y su despliegue en un proyecto de extensión, vinculado a una red asociativa, la Red Coque Vive. Destacamos en este estudio una perspectiva de educomunicación que valora la acción del sujeto para decodificar su realidad, en la creación de un espacio legítimo de diálogo y emancipación social. De esta manera, podemos comprobar la importancia de revisar constantemente el pensamiento de Freire para entender la Educomunicación como un proceso de emancipación humana y de transformación social, en un movimiento de resistencia contra el modelo establecido, para hacer emerger nuevas posibilidades de educación, comunicación y ser en el mundo.

**Palabras clave:** Pedagogía freireana. Educación. Comunicación. Diálogo. Proyecto de Extensión.

---

Submetido em: 30 de julho de 2022.

Aprovado em: outubro de 2022.

Publicado em: dezembro de 2022.